

# Como os jovens órfãos por Aids imaginam seu futuro?



Autores: Denise Zakabi<sup>1</sup>; Andrea Paula Ferrana<sup>1</sup>; José Ricardo Ayres<sup>2</sup>; Vera Paiva<sup>3</sup>; Ivan França Junior<sup>1</sup>  
<sup>1</sup> Faculdade de Saúde Pública-USP, <sup>2</sup> Faculdade de Medicina-USP, <sup>3</sup> Instituto de Psicologia-USP

## Introdução

A história da aids é marcada pelo estigma e discriminação contra os que vivem com HIV. Pouco se sabe, porém, sobre o que ocorre com os filhos de quem morreu por Aids. Estudos na cidade de São Paulo identificaram que órfãos em decorrência da Aids, particularmente portadores do HIV, convivem com várias restrições a seus direitos. É relevante conhecermos o impacto desta experiência na capacidade desses jovens de planejar e construir seu futuro.

## Objetivo

Compreender as imagens de futuro de jovens de 15 a 24 anos, que ficaram órfãos em decorrência da aids entre 2000-2004, na cidade de São Paulo, tomando por referência a perspectiva dos direitos humanos.

## Método

Trata-se de estudo qualitativo, integrante de um projeto qualiquantitativo mais amplo sobre o tema\*. Foram colhidos 18 depoimentos, com jovens de ambos os sexos, 4 deles vivendo com HIV, selecionados a partir de serviços públicos especializados de atendimento às DST/Aids, ONGs e domicílios da amostra populacional estudada.

Pediu-se aos jovens que visualizassem "cenas de suas vidas, imaginando-se daqui a cinco e dez anos". Na interpretação, foram privilegiadas as seguintes categorias: orfandade, viver e conviver com HIV, gênero, raça e classe social.

O projeto foi aprovado pelos comitês de ética das instituições envolvidas.

## Como os jovens órfãos imaginam o futuro?

Os entrevistados imaginam trabalhar, estudar, namorar, casar e ter filhos, como qualquer outro jovem. Contudo, a possibilidade da vida sem aids é uma potente referência para um bom futuro.

*"...o meu maior sonho na verdade, que eu sempre tive é, eu quero a cura dessa doença, eu sei que, mas eu queria a cura, porque era pra minha mãe sarar, minha mãe e minha tia (...) elas duas morreram, mas mesmo assim tem muita gente que tem (...). Porque eu imagino como que o povo deve sofrer, como eu sofro..." (18 anos, soronegativo)*

Viver e conviver com HIV abre perspectivas e motivações para a ativa participação política, e mesmo de inserção profissional.

*"Deixa eu ver, no Fórum, que eu acho legal, trabalhar aqui em São Paulo, trabalhar que o pessoal faz, na, no Fórum de DST/AIDS. Se Deus quiser, eu vou trabalhar ali." (19 anos, soropositivo, imaginando-se aos 24 anos)*

A participação em ONGs e movimentos sociais pode influenciar as imagens projetadas no futuro, por exemplo, uma garota soronegativa, de 19 anos, que participa de reuniões da Associação dos Trabalhadores Sem-Teto e planeja ser diretora de uma escola de ensino fundamental:

*"Eles vão começar a dar cursinhos que eu digo, assim, preparação pra vestibular, redação, eh, auxílio na redação, em português, esclarecendo dúvidas, também mostrando o lado da faculdade, nos levando até as faculdades pra conhecermos também os campus (...) Já tivemos o curso de aptidão e eu optei pela área de pedagogia e no curso de aptidão, saiu mesmo, concretizou, que é pedagogia, que eu gosto de fazer realmente, então é isso."*

## O que facilita a concretização dos sonhos?

Ao identificarem facilitadores para a realização de seus sonhos, o esforço individual ganha um destaque especial, e há referência também ao apoio de familiares e amigos.

*"Tudo depende de mim mesmo, esforçar, estudar, arrumar um trampo agora, já começar a fazer uns cursos de inglês já, fazer, mesmo que aperte, mas tem que fazer uma faculdade, né? Acho que é mais esforço mesmo. Tudo depende da pessoa. Se a pessoa não lutar, acho que não dá, acho que não, não consegue atingir o objetivo." (20 anos, soronegativo)*

## E o que dificulta a realização dos planos?

Entre os fatores dificultadores, os jovens destacaram:

- Limitações para estudar, pela diminuição de renda familiar, que alguns atribuem à própria orfandade e ao medo de ficarem desempregados. Alguns rapazes consideram que, se fossem mulheres, seria mais difícil essa concretização pela necessidade de trabalhar.

*"Então eu ia ter que me esforçar mais, ia ser mais, bem mais difícil, bem mais difícil, porque ela tá na responsabilidade de cuidar dos filhos, pra trabalhar, pra estudar, é mais difícil." (20 anos, soronegativo, perguntado como seriam suas cenas de futuro se fosse mulher)*

- Ser negro ou homossexual, como fator de estigma e discriminação.

*"Teria tido muito mais oportunidade de emprego, há sim preconceito, há." (19 anos, soronegativa, negra, perguntada sobre o que mudaria se ela fosse branca)*

- Poder adoecer por aids.

*"É... minha doença... eu mesma... (...) Eu acho porque morar com as minhas amigas eu não vou poder por causa disso..." (15 anos, soropositiva)*

## Conclusões

Identificamos como fatores dificultadores dos planos para imaginação de futuro sobre as relações afetivas, amorosas, do estudo ou trabalho: ser portador do HIV; o papel usualmente atribuído à mulher de ser cuidadora do lar, o que pode atrapalhar os estudos; as relações sociais de raça e de classe social.

Diante dessas limitações construídas socialmente, é fundamental o incentivo e suporte por parte de profissionais de saúde e educadores a cuidadores e jovens para que busquem apoio nas redes afetivas e sociais de que dispõem para superá-las legalmente e culturalmente.

A participação em espaços de convivência, apoio e ativismo podem oferecer aos jovens vivendo com HIV a possibilidade de sonhar com o futuro. E não apenas por criarem oportunidades concretas de inserção social. Talvez tão importante quanto isto seja a experiência de reconhecimento, que opõe às restrições causadas pelo estigma e discriminação a inclusão em contextos intersubjetivos de legitimação e fortalecimento.

